

A' luta, liberais!

SOOU A HORA DE UNIR FILEIRAS!

Para a frente! Para a Victoria! Para a Liberdade!

Povo republicano e liberal!

O momento que passa é decisivo para a Republica! As poucas liberdades que ainda nos restavam estão sendo estranguladas ás mãos dos reaccionarios.

O clericalismo voltou a apoderar-se do país. A Lei da Separação em breves dias não é mais que um misero papel amarrotado pelas proprias mãos de republicanos que traíram o povo, deixando-se comprar miseravelmente pelo Vaticano. A seita negra dispõe já a seu talante de vida da Republica. Por outro lado, os monarchicos, tomando varios disfarces: cruzados, fascistas, presidencialistas,--- prepararam-se para estabelecer em Portugal um rigime de ditadura para, sob esse governo autocrata e despotico, proceder á monarchização completa da Republica, se não puderam ir até a reimplantação da monarchia.

Perante este imenente dominio reaccionario que sufocará todas as nossas aspirações democraticas, que fazer? Protestar? É tarde, e não ha quem nos oiça e possa atender. As unicas portas onde poderiamos ir reclamar a indispensavel protecção para as incontestaveis razões que nos assistem na defeza dos nossos direitos acham-se completamente fechadas. Os que por detraz delas se encontram, vemo-los erguidos contra nós, numa conspiração deploravel e revoltante. Foram eles que nos venderam, que nos traíram, que entregaram os meios a que poderiamos recorrer, nas mãos dos nossos maiores inimigos. Mas alem de não termos já quem nos atenda, é tarde, é muito tarde já para protestarmos. Os nossos inimigos tomaram tais e tantas posições dentro da Republica que só um meio nos resta para salvar-nos a Liberdade e defendermos os nossos direitos: — a *Revolução*. Sim; a *revolução é o direito sagrado dos povos oprimidos! Vingança é o justo procedimento dos povos que se sentem ludibriados e traídos!*

Povo Republicano e liberal!

A infamia e a traição assaltaram a nossa terra, a nossa dignidade, os nossos direitos. Venderam-te aos jesuitas como se vende um rebanho de carneiros. A hora da entrega dos carneiros ao comprador impaciente, aproxima-se. Que fazer, quando não é possivel uma reacção dentro das linhas de ordem e de legalidade que devem circunscrever normalmente todos os protestos justos, numa democracia?

Sim! Que tens a fazer, que te resta fazer, ó povo portuguez ignobilmente traído, ludibriado, vendido? Responde, Povo! Para nós, *só da boca das armas podes esperar Justiça.*

Sou a hora de unir fileiras! Unamo-nos todos os republicanos de verdade, todos os liberaes, todos os homens de Progresso, sem preocupações partidarias e ideologicas. Quem aceita o jugo da seita negra, dos vampiros de roupeta, dizendó-se liberal, democrata, socialista, sindicalista, comunista ou anarquista è indigno de viver.

Levantemo-nos, e os vendilhões da nossa liberdade cairão aos nossos pés, implorando misericordia!

Aos embates da nossa *frente unica* nada resistirá. Unamos, pois, fileiras! **E para a frente! Para a victoria! Para a Liberdade!**

O almoço do sr. Ferreira do Amaral

No passado domingo realizou-se, num dos clubes de batota da cidade, um almoço oferecido ao sr. Ferreira do Amaral, official indisciplinado mas prestigioso que hoje comanda a policia *cívica* de Lisboa.

Foi excelente o *menú* e foram optimos os vinhos. Os discursos é que falharam. Não obstante, a julgar pelas fotografias e pelos relatos dos jornais, foi uma interessante festa. Para nós, foi-o com certesa porque nos dá azo a escrever algumas palavras, poucas, que de ha muito nos andam a querer safr do bico da pena como necessarias e uteis... para o sr. Ferreira do Amaral.

Vá, pois, de aproveitar a occasião começando já por lamentar o facto de não ter o opiparo banquete sido incluído nas scenas do edificante *film* destinado a figurar em Berlim.

Se o tivesse sido, por certo que os estrangeiros teriam ensejo de ver que a nossa policia, ao mesmo tempo que é das mais belicamente preparadas, é tambem, na pessoa do sr. Ferreira do Amaral, das que melhor sabem comer.

*

Não temos, não podiamos ter qualquer rasão de ordem particular que nos mova contra o sr. Ferreira do Amaral.

Temos, sim, muitas rasões de ordem republicana e democratica que nos fazem discordar da sua attitude e da sua orientação.

O sr. Ferreira do Amaral, pessoa, pode ser simpatico. O sr. Ferreira do Amaral, comandante da policia, é uma sinistra figura no momento social que atravessamos.

Tão sinistra, que o actual comandante da policia, durante o decorrer do almoço que lhe ofereceram, bem poderia sentir a baterem-lhe, aensadores, aos ouvidos, os lamentos tristes dos filhos de tantos, tantos pobres operarios que os janisaros da brigada especial teem mantido dentro dos calabouços de Lisboa sem respeito á lei, sem qualquer rasão forte esquecendo-se de que cada dia de prisão são lagrimas de sangue vertidas dos olhos das esposas, das mães e das irmãs, e pão, *pão* que falta aos filhos sem culpa da mania perseguidora do sr. Ferreira do Amaral.

Sim! Durante o almoço, no decorrer do qual o *disciplinado* comandante da policia censurou o seu superior hierarquico—o actual ministro do Interior—deveria ter pesado á consciencia bem comida do autor da Mentira da Flandres, a recordação dos morticínios dos Olivais, do assassinato de Domingos Pereira, da morte do padeiro espancado barbaramente na

esquadra de Santa Marta e dos cadaveres da Guiné!

Sim! Durante o almoço no clube de batota rica, o sr. Ferreira do Amaral que evocou, e respeitamos a evocação, sua esposa e filhinha, devia sentir posarem-lhe na consciencia as lagrimas de tantas esposas e tantas filhas, viuvas umas, abandonadas outras, chorando os pais e passando miserias mercê da sua acção sinistra, odienta, anti-legal e anti-republicana!

*

Mas nós sabemos que o sr. Ferreira do Amaral nada sentiu, se não os elogios saídos das bocas babosas do burguês covardo que no clube comeu.

O sr. Ferreira do Amaral, doente de espirito, convencido da sua missão salvadora, digorriu bem o almoço que lhe ofereceram.

Parabens. Saberá S. Ex.^a, terá pensado o sr. comandante, se os filhos das suas vitimas, os filhos dos assassinados e deportados, teriam, nessa manhã, um pouco de pão para comer!?

Não pensou; são ninharias estas que não merecem um minuto de attenção do Guarda da cidade. Nós pensamos. Nós sabemos que os filhos das vitimas serão amanhã homens. Nós sabemos que esses homens do futuro serão os revoltados e que, a par deles, todos os que não querem ser victimas, todos os que amam a liberdade, todos os que querem o respeito á lei, se erguerão a exigir aos ferreiras do amaral deste país as justas contas dos malos causados.

Nesse dia, sr. comandante da policia, a sua digestão será difficil...

Redemptor ou perturbador?

O sr. Cunha Leal—ex-anarquista, ex-machadista, ex-presidencialista, ex-popular, ex-nacionalista, pregador da pena de morte e actual candidato a dictador, principal responsavel, pelo seu discurso no Coliseu. do massacre da policia após Monsanto, maior responsavel pelos seus discursos no Apolo e na R de S. João da Praça, pelos morticínios do 19 d'Outubro—o sr. Cunha Leal perguntava no Porto, em santa modestia, se seria um *redemptor* ou um *perturbador*.

Ainda o pergunta!

Redemptor! Redemptor!

Pois o que havia de ser?

O passado está esquecido!...

Carta a um Abade da Beira

sobre

O Divino Redentor

Meu Reverendo :

Lembra-se V., Padre José, de certa conversa que tivemos, sobre uma nova vinda do Redentor ao Mundo? V. aferrado à letra das Escrituras, foi-me dizendo, enquanto com a ponta da faca palitava a febra do salpicão que o litro emborcado não conseguira arrastar-lhe das prezas:

— Não virá; não falam disso os Profetas. Só se fôr o Anti-Cristo...

Eu insisti que viria o autentico Redentor e ainda ouvi V. murmurar quando poz á bôca a caneca do branco do Dão:

— Chiga!...

Pois aí o tem, Padre José, aí o tem o genuino Redentor, o inconfundível Filho do Homem, que quer dizer filho do Senhor Deus dos Exercitos.

Afine o seu latim Padre José para lhe cantar o «Te-Deum». Eu cá ando a reler a «Imitação de Cristo» e a apaixonada Santa Tereza, para me abraçar de amor divino. Que loas já correm compostas em honra e louvor do Messias! Os Evangelistas aguçam as penas para narrar os milagres e virtudes do Salvador! E só os publicanos e fariseus murmuram que ele não é enviado de Jeovah para redimir os homens. Contudo os doutores de leis inclinam-se a crer que ele é o mesmo de que falaram Daniel e os Profetas e receberam no Templo da cidade Santa de Coimbra, como ao grande Elias.

Se depois da sua vida de prôgação e de milagres ainda houvesse duvidas de que ele era o Redentor, o que ele disse no Porto seria bastante para as desfazer.

Na sua infinita modestia declarou que viêra a este pequeno Mundo para ser ou o Redentor ou o Grande Perturbador. Para provar a nossa fé pôs em duvida se seria o Anjo do Bem ou o Anjo do Mal; mas nós todos, fieis e incredulos, acudimos prosternados.

—E's o Messias, o Salvador! E boijámos-lhe reverentes as sandalias.

Pois Padre José, desde que os tempos são chegados, desde que o Divino Redentor de novo encarnou para nos salvar, é preciso que o sigamos no seu apostolado através desta terra abençoada, escolhida pelo Senhor para o aparecimento do Messias cantando soraicamente:

«Queremos Cunha, que é nosso dono»!..

Pois aí o temos, Padre José, aí o temos, encarnado num capitão de cavalos, para salvar isto. E pensando bem, quantos martirios não tem passado já, para nos salvar, esse Bom-Pastor! Recordar-se V. do Chico Moreno? Pois era ele já, menino e moço, a querer salvar-nos pelo anarquismo. Depois quando descobriu que no anarquismo não havia «governo» e o que ele queria era salvar-nos «governando-se», passou-se. Esteve depois com o Machado dos Santos, que o salvou a ele de certa embrulhada e passou-se. O Sidonio fê-lo gente e passou-se. Depois esteve com o sr. Julio Martins e passou-se. Declarou que iria com a Guarda Republicana buscar o dinheiro aos Bancos e passou-se, indo lá buscá-lo, mas sem guarda nenhuma, para o guardar para ele.

Ainda e sempre para nos salvar conspira para a revolução radical e passou-se. Vem o 19 de Outubro e vai acompanhar Granjo ao Arsenal e passou-se. «mal ferido por uma bala francesa no cêrco de Pamplona». Esses ferimentos, por onde quasi lhe iam saindo as tripas, fôram a sua estrada de Damasco.

Da esquerda passou-se para a direita e como já tinha passado para Director Geral da Estatística, passou-se para coisa melhor, passando-se até da tropa. Veiu a Moagem e passou-se para «O Seculo», passando-se depois com duzentos e tantos contos. E por último, tendo passado para a ditadura, para o fascismo, para o 18 de Abril, para o Ultramarino, para o Pápa, passou-se para Redentor. Assim a passar, a passar, os fariseus chamam-lhe passarão. Não é, Padre José, não é. Aquele é um bom chefe de familia, que tem cunhados para sustentar a... *carvão consules*, ou como se diz em latim. Padre José, *carviant consules*!... E tem filhinhos, coisa que V. Padre, não tem, nem ninguem mais tem neste mundo.

Já deve ter chegado aí a noticia, mas eu entendi que lhe devia falar do Divino Redentor neste Domingo de paixão. E V. Padre José, pode explicar hoje isto ao Evangelho. Essa gente da Beira que já deu um redentor á monarchia, deve estar ufana por dar mais este redentor á Republica. Explique-lhe V. que nós cá estamos os fieis para tratar da saude ao salvador. Ele ha-de salvar-nos, redimir-nos, encher-nos de graças e de dons, mas o cão ha-de ladrar, e quem sabe se o cego não erguerá o cajado para o abater-vibrante de revolta. Quem sabe? Talvez nem o saiba, sequer,

O CÃO DO CEGO.

O ARRAIAL NACIONALISTA

Ligeiras notas á margem

Aquele Congresso dos graves homens da ordem, dava uma grande pagina. Mas dá tambem para ligeiras anotações. Houve ali de tudo. E para a historia da tentativa de um partido conservador da Republica — por ora só tem havido tentativas — nada do que nelle se passou é para desprezar. Houve ali de tudo: houve drama e houve comedia; houve insultos e houve agressões pessoais; houve abraços e houve cabalas vergonhosas e houve passagens de um grotesco irressistivel.

Foi um pouco a rua Suja e a Praça da Ribeira. Foi um arraial.

Ah! As lições de elevação de pensamento, de correcção de maneiras, de linha, que os conservadores da Republica podiam reeber do mais modesto sindicato operario!

*

Um official do exercito, revolucionario do 5 de Dezembro, grita:

— «Querem pancada? Não de tó-la.»

*

O sr. Manoel da Silva Simplicio referindo-se ao emulo de Cunha Leal: — «Silencio que manda o patrão!»

«Aqui arde Troia,—escreve o *Diario de Noticias*, na sua prudente reportagem. Avançam congressistas da esquerda em attitude aggressiva sobre os da direita, alguns erguendo as cadeiras no ar. A mesa da imprensa anda numa dança. Sobre os jornalistas caem por tabela alguns murros...

E mais abaixo:

«O sr. Manoel da Silva Simplicio pretende interromper de novo e rebenta grave tumulto em que de novo tambem se veem envolvidos os jornalistas visto que uma onda de congressistas exaltados avança, de roldão, para pôr na rua o interruptor.... Tinteiros e frascos de goma entornam-se-nos sobre o fato. Ha murros, bengaladas, cadeiras erguidas, increpações insultuosas. O sr. Manuel da Silva Simplicio é agredido e posto na rua, sob os socos e pontapes dos que o empurravam, defendendo-se como pode e retribuindo com valentia a aggressão.

*

O cão do Governo Civil, aquele cão que, atigado pela policia, mordida os presos do dezem-

brismo, depois de agredidos, não estava lá. Como devia ter sido sentida a sua falta!

Morreu. Ou melhor, mataram-no, após Monsanto, no pateo do Governo Civil. Que ele afinal não era o culpado das perseguições feitas aos republicanos.

Mas se vivesse hoje e, como nas fabulas, miraculosamente lhe fosse dado o dom da voz, era capaz de afirmar que andava, no ano de 1918, em tratamento no dentista e portanto impossibilitado de se servir dos dentes para morder.

Não negam outros, com maiores responsabilidades, o que fizeram no dezembrismo?

*

Este homem, Simplicio de nome, foi meu correligionario no velho Partido Evolucionista, o autentico. Foi dos poucos evolucionistas que não se bateram contra Sidonio Pais e que, mais ou menos prazenteiramente, accitaram o dezembrismo para satisfação dos seus odios pessoais ou de campanario. Adeante. Pois chegou-lhe agora a vez. Tinha que ser. Estava escrito que havia de se *bater* dontra o dezembrismo.

*

Um official dezembrista grita ao congresso:

— «Qual preferem: a competencia financeira do sr. Vicente Ferreira ou a espada do sr. Cabeçadas?»

«E o congresso em côro: — A espada! A espada!»

«Torna o heroico congressista:

— «Qual preferem: a pena do sr. Adolino Mendes ou a minha espada?»

E o Coegresso heroico: «A espada! A espada!»

Se lá estivesse — voz perdida naquele deserto de almas — tinha gritado, até enrouquecer:

— «A competencia! A pena!»

*

No seu discurso do Teatro Nacional, Cunha Leal definia-se e define o seu emulo:

— «Eu sou o impulso; *ête* é o calculo.»

E' uma síntese perfeita. Por mim não hesito. Prefiro o impulso.

*

Aquilo não foi um Congresso. Foi um espectáculo de box no Coliseu.

Na ultima sessão, o velho republicano sr. dr. Ramiro Guedes — vom tambem no «Diaria de Noticias» — faz a sua propria biografia. E' do 31 de Janeiro. Tem 75 anos. Acrescenta que não assistirá a outro Congresso porque «está cansado» Outra sintese perfeita. A sensação devia ser essa: de cansaço fisico.

Não. Congressos do Partido Nacionalista só para homens de sport, só para lutadores.

«Saem alguns. Os que ficam, ironicamente, de pé sobre as cadeiras, acenam com lenços para os que partem, dos quais, muitos, por sua vez lá da porta, lhes respondem com um gesto pouco decente da heraldica franciscana.»

Isto lê-se no «Diario de Noticias,» o circunspeco, de 8 do corrente, E' do relato do Congresso e sub-intitu-la-se: «Uma manifestação pró e contra o sr. Cunha Leal.»

Os senhores estão vendo a scena. De pé sobre as cadeiras, com todo o ar gaiato de rapazes de escola quando o professor está ausente, os bem-quistos conservadores da nossa praça, acenam ironicamente — escreve o «Noticias» e o adverbio é precioso, não se fosse julgar que acenavam com sentidas saudades. Quere dizer: é a reinar, é a fazer pouco, é para fazer rabiar os que partem. Ponham os senhores na sua imaginação os sisudos marechais do Calhariz a — acenar.

Os outros, os que saem dão a sorte toda. Quere dizer: fazem o gesto. Os senhores estão vendo o gesto, o gesto dos conceituados, dos conspicuos homens de ordem que partem.

Ora o Congresso Nacionalista ó um facto politico de incontestavel importancia que não pode passar desaperecebido aos futuros cronistas, aos futuros historiadores da Republica.

E como para aprocia-lo devidamente não se deve pôr de parte nenhum dos incidentes que lá se deram, este episodio dos lenços e dos gestos ha de ser considerado pela Historia.

Eu estou já daqui a vêr uma dificuldade do investigador consciencioso do seculo XXI

Como o reporter não pode, devido ao «barulho infernal» — dar, nome por nome, nota dos congressistas que acenavam e dos que gesticulavam, difficilmente o cronista conseguirá apurar se o sr. Julio Dantas acenava com o seu lenço ou fazia o celebrado gesto.

Ficamos sabondo tambem que os presidencia-listas tiveram todas as combinações feitas para ingressar no Partido Democratico. Não ingressaram, porque ainda lá estavam os que constituem hoje a Daquerda Democratica e tinham pressa de entrar fosse para onde fosse. . .

Na 5ª. sessão já os lealistas não estão presentes. Vai haver ordem? E' possivel. Mas o que não ha é — uma ideia.

Di-lo com funda magua um congressista, o sr. Vitorino Vieira:

«Assisto com magua a este espectáculo: chegar-se à 5ª. sessão e nada de trabalhos praticos. E' um desprestigio para o Partido Nacionalista. Vai ser uma nova sessão de discursos inuteis.»

Não ha desordem. Não ha porem ideias. E para cumulo quasi não ha — gente.

Do «Diario de Noticias»:

«Pouca gente. Talvez duzentas pessoas.»

Se houvesse gente tinha pelo menos havido — pancada.

Final, o Congresso encerrou-se e só uma proposta foi aprovada, a de um congressista que pretendia que não fossem coletados — os burros.

A unica coisa de pratico e um alivio para muita gente.

No seu budoir, côr de rosa, madame X, que que se erguen ha pouco, alvoratadamente lê o «Diario de Noticias,» São dez horas. Madame está agitada. De vez em quando suspende a leitura, levanta-se do velho sofá Imperio, corre nervosamente o store da janela. Do jardim vem um halito de primavera que a entontece e dá fulgurações extranhas aos seus olhos sismadores. Na manhã doirada, um grande silencio, um pesado silencio, um silencio enervante cai em redor. Só Madame está inquieta.

Pela decima vez, pela vigessima vez, pela milissima vez, os seus olhos humidos caem sobre a tinta ainda fresca do *Noticias*. E' o relato do Congresso.

Ferimentos, bengalas, desordem. E ele sem vir!

Meio dia. A pequena porta do jardim — se ela falasse o que contaria de doces noites de amor e de luar! — abre-se sem ruido. Um vulto de homem, o fato em desalinho, a barba crescida, a fisionomia descomposta galga correndo a escada florida que vai dar aos aposentos silenciosos de Madame. Já se ouvem os passos no corredor. Aos olhos de Madame, que solta um pequeno grito, atre-se o reposteiro verde.

E' ele. Madame ansiosa veiu perguntar-lhe se aquilo do Congresso é *descer*.

Mas subito nota que o seu adorador oculta, sob o largo sobretudo, um extranho, um volumoso objéto que não é positivamente a badine elegante com que ao seu lado passeia, sob o luar nos grandes parques aristocraticos.

Madame é curiosa. Ele está envergonhado.

E como ela arditosamente começa a despir-lhe o sobretudo de peles caras, não pode deixar de explicar, sem coragem para olha-la no veludo dos seus olhos:

—E' um porrete, Madame.

Mou querido Pedro Pita:

...E o trabalho que vais ter agora para correr com os *outros*!

NÓBREGA QUINTAL.

Especulação policial

A policia tambem ter opiniões

O Governo Civil publica um boletim trimestral, que o leitor julgará que trata de assuntos de interesse para a população do distrito, ou que fornece informações acerca dos serviços que correm por esse importante departamento do Estado. Não!

Servem apenas para defender as prepotencias da policia do sr. Ferreira do Amaral.

Temos presente o ultimo numero desse boletim.

O seu artigo de honra, subordinado ao titulo «Os deportados,, e as suas vitimas, é um livro de louvores ao autor da Mentira da Flandres e de odio para os que se não curvam de medo ou de pasmo perante ele e seus acolitos.

Ha umas passagens nesse artigo que merecem o nosso mais veemente protesto. Revelam muita má fé e muita estupidez.

Não, senhores! Não ha politicos que trocassem "os interesses da nação pelos das suas ambições alicerçando-as nessa pleiade de bandidos como factor indispensavel para o seu triunfo». Não.

O que ha são homens que sabendo o que a si devem e á Republica, não estão dispostos, sem o seu protesto, a deixar que se esfarrape a sua lei fundamental, a Constituição. Não. Basta de especulações. Quem não serve a ordem são os que defendem essas prepotencias e os atentados á lei.

Não pode ignorar o deputado que mais ou menos derige o Boletim, que a Constituição diz no n.º 21 do artigo 3.º que, "ninguem será sentenciado, senão pela autoridade competente, por virtude de lei anterior e na forma por ela prescrita,,.

Quem é que quiere proteger ou defender criminosos?

Quere-se o cumprimento da lei a aplicar a esses criminosos, se o são. Nada mais.

"Ígnobil especulação politica,,.

Sim, mas essa é feita pelos chamados amigos da Ordem, uma senhora que está custando muito dinheiro ao Estado, e que á Republica já tem dado alguns dissabores. Sem o nosso protesto é que essa especulação policia, se não fará.

Finalmente, estamos de accordo quando afirmam que, "se julgam que a Policia de Segurança Publica como qualquer outra corporação mantenedora da ordem se fez para servir de juguete á baixa politica, breve desengano poderão ter aqueles que a tanto se atrevem,,.

Plenamente de acordo.

É não vale a pena ficar por aqui. Temos muito que dizer acerca dos legionarios e da Policia.

Contra o fascismo

SAIAMOS DE LISBOA E PORTO!

A propaganda inteligente que um grupo de homens de boa vontade iniciou contra a tirania esta-se confinando de mais ás duas grandes cidades do país.

Lisbôa e Porto não necessitam dessa propaganda.

As populações das duas cidades amam por demais a Liberdade para que permitam, sem seria resistencia, que qualquer tiranete impere entre nós.

A nossa opinião sincera é a de que a propaganda que se vem fazendo, se deve estender á provincia.

Vamos a Braga onde quasi toda a guarnição está comprometida no anunciado movimento.

Vamos a Viana do Castelo onde a organização fascista, depois dos officiais, procura conquistar os sargentos.

Vamos a Coimbra, a Mafra, a Aveiro...

Saiamos de Lisbôa porque na provincia é que está o perigo.

Na provincia é que os homens do 18 de Abril estão exercendo a sua nefasta, criminosa e liberticida acção.

UM MANIFESTO

Editado pela Comissão de Agitação Anti-fascista da Camara Sindical do Trabalho de Lisboa e exortando o povo trabalhador á luta pela liberdade contra o fascismo foi distribuido um manifesto em que se lê:

Com o fascismo vencedor, temos pela frente a trágica pena de morte em Portugal, ao menor assomo de revolta, quer juridicamente aplicada, quer na ponta dos punhais ou numa bala dos seus sicários, sem julgamento sequer, numa edição correcta e aumentada das infamias que ultimamente tem passado ante nossos olhos.

O fascismo em pleno século XX, sem combate por parte dos trabalhadores, era a negação mais positiva do nosso progresso. Mas não cremos. O proletariado é hoje uma força consciente e grande, organizada, que não deixará, por certo, arrebatar das suas mãos as liberdades e regalias já conquistadas.

Como luta final e contra a revolução fascista só resta ao proletariado pegar em armas para combate aos desígnios reaccionarios, pela defeza das suas liberdades!

Povo trabalhador!

A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa tendo a noção da gravidade do momento que passa, resolveu levar a efeito uma intensa campanha de protesto contra o fascismo, realizando sessões em todos os sindicatos. Acorrei, pois a estas sessões que são a preparação da vossa defeza.

O culto da injuria

«Os cavalos da G. N. R. não são para estar á manjedoura, trabalham mais que alguns portugueses e que a maioria dos funcionarios publicos».

Esta frase ofensiva para o funcionalismo, deprimemente para qualquer homem, foi pronunciada no Parlamento pelo actual chefe do governo.

Registamo-la.

O funcionalismo que lhe responda.

Paiva Couceiro entra em Portugal quando quiere

Emquanto no parlamento, numa comedia que enjôa, a maioria finge não querer aprovar a amnistia ao Paiva Couceiro, e, por um requerimento, esconde a sua cobardia em defender tal desejo relegando para as comissões o projecto de lei que a conferia. — *Paiva Couceiro, ás claras, certo da impunidade, entra a fronteira portugueza e até Portugal vem para conspirar!*

Sim! Afirmamo-lo com absoluta certeza do que afirmamos:

Paiva Couceiro tem vindo, nos ultimos tempos, ao territorio da Republica para, contra a Republica, tramar! Pai-

va Couceiro tem assistido a reuniões de officiais! Paiva Couceiro colabora no assalto que se vem preparando contra a, Democracia!

Paiva Couceiro entra em Portugal quando quiere!

Paiva Couceiro, por meio de um pasaporte que nos dizem lhe é fornecido pelo filho do visconde de Azevedo, tem ido varias vezes a Braga e lá tem reunido com varios officiais!

Não o sabe o governo?

Não o sabe a policia?

Então para que serve o governo e para que serve a policia!?

Justiça só para ricos

O serviços judiciaes e a ganancia dos officiais de justiça

Houve, ultimamente, minuciosa e rigorosa — necessaria por todos os motivos — inspecção aos serviços judiciaes na comarca de Lisboa.

De todos os lados choviam e chovem queixas contra a morosidade excessiva dos processos e contra a ganancia dos officiais de justiça. Os escrivães culpam os magistrados sem o menor rebuço e estes desculpam-se com aqueloutros.

Em boa verdade, preciso se torna pôr cobro a estado de coisas, que prejudica, enormemente, quem, por imperiosa necessidade, aos tribunais recorre para fazer valer direitos e impôr obrigações.

Nos tribunais criminaes de Lisboa os processos dormem esquecidos nos cartorios, emquanto os arguidos gemem nas cadeias a cumprir penas a que não foram condenados!

Quem indemniza de todos os prejuizos morais e materiais os presos e os pleiteantes?

Impunha-se, por tudo isto e por muitas e desvairadas coisas que o nosso pudor nos coage a calar, um rigoroso inquerito.

Foi feita, dizem-nos, por um magistrado muito digno, sr. dr. Sousa Magalhães, essa «es-

piagem» — não ha neste termo qualquer offensa para S. Ex.^a, mas o seu serviço para ser completo, só por espionagem podia sér, naquele *covil* da Boa Hora.

Consta no infecto palacio de justiça — pobre justiça que tão má hospedaria tem! — que esse nquerito do juiz inspector vai trazer grandes movimentos nos funcionarios que não eumprem escrupulosamente as suas obrigações.

Quere-nos parecer — e isto, sem pessimismo — que todos estes bons propositos resultam inuteis.

A reforma tem de sér profunda e emquanto os serviços judiciaes não forem — como numa Democracia toem de ser — absolutamente gratis, pareco-nos que El-Rei Dinheiro será o unico Senhor dos que se arvoram em servidores da justiça.

Na Boa-Hora só a *gratificação* vale e pode, por isso a justiça é uma Senhora que só os ricos podem manter.

O que se impõe é que os lesados gritem e protestem mostrando as fraudes afim de se amarrar ao pelourinho os sem — vergonha que pelos tribunais andam.

Já pensaste em organizar na terra onde vives, um nucleo de propaganda e resistencia contra a ditadura e contra a reacção?

Não? Pois organiza, juntando os esforços de todos os liberaes.

Um homem excepcional

que não tem a vida garantida e tem filhos
a quem deve dar de comer

Justificando o ter aceitado o logar do Banco Ultramarino, que lhe rende três mil escudos mensais, disse o sr. Cunha Leal no famoso Congresso Nacionalista:

Tenho filhos a quem preciso dar de comer. Não sou um ente excepcional que só tenha deveres e que não possa ter direitos.

E na reunião do Teatro Nacional, S. Ex.^a acrescentou ás razões que o levaram a aceitar o rendoso emprego:

Mas que deve fazer um hom. m que está sempre na p litta como se estivesse numa barricada, senão pensar nos seus filhos, que são a razão de ser da sua vida?

Confessamos lealmente que nós eramos dos que faziam côro com aqueles que estranhavam que o sr. Cunha Leal tivesse aceitado o chorudo logar. Ignoravamos, porém, as circunstancias excepcionais dêsse homem, na verdade invulgar. Elas são de molde a fazer calar quantos por aí o abocanhavam. Com efeito. Reparem os senhores: O sr. Cunha Leal é um homem excepcional que tem filhos a quem deve dar de comer! Conhece alguém, na face da terra, outro homem nas mesmas condições? Mas ha ainda a ponderar outra circumstancia extraordinaria e especialissima: — a sua vida está sempre ameaçada!

Haverá, neste mundo, segundo homem que não tenha a vida garantida? Pensavamos que não até ha poucos dias em que nos foi dado ter conhecimento de um outro homem nas mesmas extraordinarias condições. E como se trata de um fenomeno, julgamos interessante contar o caso.

Chama-se o fenomenal sujeito *José ninguém*, e tem por alcunha o *Toda a gente*. Encontrámo-lo, por acaso, passeando agitado e preocupado na margem do Tejo. Olhava as águas do rio com estranha expressão. A tristeza do olhar, a aflicção do seu rosto, a agitação dos seus gestos, o seu aspecto de miséria, impressionaram-nos tão profundamente que nos aproximámos dêle. Conversámos.

O misterioso individuo contou-nos então: era pedreiro, tinha cinco filhos todos menores. Não tendo que fazer na provincia viera para Lisboa procurar trabalho pelo seu officio ou qualquer outro. Não fazia questão de serviço. Tudo lhe servia. O que precisava era de sustentar os filhos.

Apezar de todas as suas diligencias não encontrava onde ganhar uns patacos. E já lá iam dois mèses.

— Pois quê! — perguntámos espantados — Você tambem tem filhos a quem deve dar de comer?!!

O homem olhou-nos tambem com espanto.

— Bom, mas podia ser muito pior — proseguimos nós — Conheço um sujeito que tambem tem a mesma desgraça, mas ainda é mais infeliz que você, porque não tem a vida garantida.

— Mas quem a tem, senhor? Quem não tem a vida sob constante ameaça, arriscado a morrer num desastre no trabalho, num atropelamento, por uma bala da policia, ou de uma doença qualquer, um tifo, por exemplo?

— E você com a vida assim ameaçada não pensa nos seus filhos?

— Se penso! Mas que hei-de eu fazer, senhor, se não tenho trabalho, se não encontro quem me dê trabalho!

Aproximâmo nos mais do homem e, baixinho, confidencialmente, iam a aconselhar-lhe:

— Olhe... porque não vai você a um banco...

— Ah! isso não, senhor! — Exclamou o homem com indignação não nos deixando completar o nosso pensamento — Não sei, não posso fazer isso. E' por isso que estava aqui olhando o rio... Prefiro morrer... Já que não lhes posso deixar mais nada, quero deixar-lhes, ao menos, um nome honrado.

E o homem foi-se bruscamente, sem nos deixar desfazer o equívoco.

Metemo-nos num carro electrico para o Rocio, e tirando do bolso o *Diario de Noticias* dêsse dia, começámos a ler a entrevista com o chefe supremo da União Liberal Republicana, que a redacção do orgão da moagem faz preceder das seguintes palavras:

«Cunha Leal, combativo, eloquente, cheio de talento e de energia, homem de fé e homem de honra, é, incontestavelmente, uma das maiores figuras do regime, um dos seus valores positivos.»

A QUEM NOS COMPRA

Sabemos que em varias terras, Setubal por exemplo, ha quem venda *A Choldra* a \$50. Não a devem comprar. *A Choldra* custa só \$300 e o vendedor tem já incluido neste preço a percentagem de 20 por cento. O resto é roubo.

O maior crime da Republica

Se os republicanos não tivessem descurado a instrução publica, não seriam hoje possíveis nem fascistas nem ditadores militares

Um dos maiores crimes, senão mesmo o maior, dos homens que teem dirigido até hoje a Republica é o desprezo a que votaram a instrução. Desse descaso resultou que hoje, depois de 16 anos de vigencia do regime republicano, não ha ainda formada uma geração de mentalidade democratica que sirva de garantia á estabilidade da Republica e seja uma alentadora esperança de um futuro mais prospero para a democracia.

A escola tem sido, atravez dos tempos, o maior esteio dos Estados que nelas ministra uma instrução adequada a respeitá-los, a defendê-los, a perpetua-los. Fugimos de discutir aqui se deva ser esse o fim da instrução para apenas notarmos que a Republica nem da escola se soube aproveitar como um meio de defesa. E não a aproveitou como meio de propaganda e perpetuação das suas instituições, não porque á escola pretendesse dar uma finalidade mais humana, mas por indiferença estúpida ou por negligencia criminosa.

E assim, conservando o mesmo reaccionario corpo docente que formou gerações de monarchicos e os mesmos processos e os mesmos livros didaticos usados no tempo da monarchia,—das escolas mantidas pela Republica, desde a primaria ás Universidades, teem saído gerações de alunos com mentalidades dispostas a ambicionar volver ao regime deposto e não aptas a aceitar e a amar a Republica.

Se a Republica tivesse, logo que foi proclamada, republicanizado a escola, provendo-as de um corpo docente apto a influir democraticamente no espirito das novas gerações, reformando os processos e metodos de ensino, expurgando os livros de leitura e historia dos velhos preconceitos, das sugestões e influencias tradicionalistas, não assistiriamos ao espectáculo doloroso que nos oferece a mentalidade inferior e o caracter subserviente da mocidade de hoje, e não seriam possíveis as tentativas reaccionarias de ditaduras e de fascismos, nem a Republica teria a estas horas que lutar com a onda reaccionaria que tenta a sufocação do espirito democratico e o aniquilamento das suas instituições.

Os serviços burocraticos e administrativos referentes á instrução, estão entregues a inimigos do regime e estão absolutamente num caos. As repartições e os corredores do ministerio da instrução são laboratorios de intrigas, de favores e de vingancas, de descontentamentos e injustiças.

Propriamente quanto á instrução, temos a dirigir as nossas instituições de ensino superior, de-

clarados inimigos do regime, jesuitas e filiaos na Cruzada Nun'Alvares, que ostensivamente combatem a Republica, e um corpo docente reaccionario provocadoramente faccioso.

Temos, no que respeita a instrução primaria, uma crise de frequencia isto é, uma população escolar reduzida, em virtude das dificeis condições economicas dos pais e da falta de assistencia do Estado; temos centenas de professores sem colocação apesar de haver povoações sem escolas e um numero de crianças em idade escolar para as quais seriam insufficientes todos os professores diplomados; temos escolas pessimamente instaladas, em casas alugadas sem condições proprias e de higiene; temos um simulacro de ensino infantil em Lisboa, Porto e em Coimbra, sem material apropriado para esse ensino que é ministrado em casas que nem jardim possuem; e temos, a completar o quadro, escolas normais cujo professorado não está á altura da sua missão.

A legislação sobre o ensino, complexa e despersiva, é apenas executada no que tem de mau, de condenavel, e o pouco que tem de moderno, de pedagogico, de democratico, é torpedeado e sofismado pelos que teem obrigação de respeitar e de fazer cumprir as leis do paiz.

Assim é que a lei torna obrigatoria a co-educação e há professores que, por capricho, não permitem tal sistema em suas escolas. São prohibidos os castigos corporais e ha desalmados que brutalmente espancam as crianças, como se elas tivessem culpa do mau humor do mestre proveniente talvez, das dificuldades do seu viver!

Porque o professorado continua a ser pessimamente remunerado, e tal qual como em outros tempos, recebe do Estado os seus vencimentos em atrazo, além de carecer de uma protecção condigna na inhabilidade.

Lembrar-nos-ão que nem todos desempenham com zelo as suas funções.

Mas como querer que eles revelem mais interesse pelo ensino se o exemplo do mais absoluto desinteresse pela instrução parte de cima, do proprio Estado? Como exigir-lhes mais amor, mais espirito de sacrificio se a classe do professorado, confrontando a sua situação com a de outras classes menos uteis á nação, reconhece o desprezo em que é tida, a menor consideração com que pelo Estado é olhada? E, no entanto, se ha classe que pelo seu prestimo merece e tem jus á nossa mais alta estima e á mais elevada consideração de uma nação republicana, essa classe é, sem duvida, a do professorado.

O PERIGO NEGRO OS JESUITAS REGRESSAM A PORTUGAL

Já não está em vigor a Lei da Separação?

Era fatal!

Mansamente, velbacamente, untuoso e bajulador, o clericalismo vinha insinuando-se em todas as modalidades da vida portuguesa, introduzindo-se subrepticiamente nas escolas, nos hospitais, nos asilos, nos quartéis, nas redacções dos jornais e nos parlamentos. Essa conquista lenta e silenciosa vinha se fazendo numa combinação criminosa com politicos e ministros da Republica, e com a indiferença idiota dos liberais. Chefes da Republica eram os primeiros a quebrar a neutralidade do Estado em materia religiosa tomando ostensivamente parte em pompas solonidades religiosas, sentindo-se altamente honrados em beijar os aneis aos bispos, em tapar com o barrete a cabeça cardinalicea, em receber do padre-santo a benção apostolica. E ministros e chefes de partidos ditos republicanos, como Cunha Leal e outros, vendiam-se ignobilmente ao Vaticano, e retratavam-se do seu anti-clericalismo de outrora.

A Maçonaria, desde que abriu as suas portas a todo o fiel mercieiro, converteu-se em sucursal da grande cooperativa de consumo que gira na nossa praça potitica sob a firma Partido Republicano Português. E ainda hoje, com o jesuitismo de novo a dar cartas no jogo politico nacional, a Maçonaria ainda tem hesitações sobre se, para seu grão-mestre adjunto, deve eleger o prestigioso general Oliveira Simões, sincero e coerente anti-clerical, se o *bonzo* Antonio Maria da Silva hoje mancomunado com os srs. Lino Neto e Carvalho da Silva para dar aos jesuitas o predomínio que usufruam no tempo da monarchia!

A Associação do Registo Civil, outrora forte inexpugnável do livre-pensamento, convertido hoje em baluarte do *bonzismo* democratico, assiste inerte ao avanço da falange negra do clericalismo. E não mais activa e vigilante tem sido a acção das outras associações liberais, tambem valentes e heroicas fortalezas que, em outros tempos, abriram funda brecha na espessa muralha clerical.

Para o Partido Socialista, e outros agrupamentos que enfileiram no esquerdismo politico, como a *Scara Nova*, por exemplo, a neutralidade ou melhor o mutismo, é tido como a attitude mais conveniente á captação de adeptos. Querem estar bem com Deus e com o Diabo.

E o operariado?

Os operarios que leem *A Internacional* aguardam a tal *revolução imediata* que vem sendo annunciada desde 1918. No dia seguinte todos os problemas ficarão resolvidos, incluindo o religioso. Um decreto eliminará dos cerebros todo o espirito religioso, e dos costumes e da moral todos os resquícios da edacação jesuitica. Os operarios que leem *A Batalha* aguardam a nota pontifical da C. G. T., esperam que os seus militantes, em quem depositaram a sua vontade e os seus destinos, se pronunciem e actuem.

Estes, porem, absorvidos com a contemplação e preparação do paraizo futuro, julgam de somenos a questão clerical, e já diziam os latinos que das pequenas coisas não cuidavam os pretores.

E dest'arte, perante o soberano desdem da organização operaria, perante a indiferença dos organismos politicos, a apatia, a inacção dos agrupamentos liberais, e com a cumplicidade e a traição dos governos da Republica, a onda reacionaria foi-se alastrando pelo país, a seita negra foi ocupando os melhores postos estrategicos e, hoje, sentindo-se já senhora da vida da Republica, prepara-se para vibrar o ultimo e decisivo golpe na Lei da Separação da Igreja do Estado. E assim, petulantemente, descaradamente ousa reclamar por intermedio dos deputados catolicos e monarchicos e com a promessa, previamente hipotecada, de votos favoraveis de alguns parlamentares dos outros partidos da Camara, nada menos que o seguinte, entre outras coisas:

a) restituição ás congregações religiosas dos bens que pela lei da Separação revertem para o Estado republicano;

b) alteração da lei do divorcio que o reduz quasi á simples separação de bens;

c) reconhecimento da personal dade juridica á Igreja;

d) liberdade de ensino religioso nas escolas particulares.

E a audacia e o descaro do vampirismo negro que quer apossar-se de novo do povo português, vão ao ponto de pretenderem que o Estado republicano não permita o combate á sua seita, a manifestação do pensamento daqueles que não concordam com as suas doutrinas. E' ver o deputado monarchico Pinheiro Torres a censurar o governo por não ter impedido a circulação de

A MORAL D' «ELES»

Há mentiras, mesmo quando se sabe que são mentiras, que um dever patriótico obriga a dizer.

CUNHA LIAL

Diário de Notícias—6-3-1926

Afinal, a quem devemos dar razão: a Helvetsius quando afirma que *a Verdade nunca pode ser nociva*, a José de Maistre que ousou dizer ser o *patriotismo o ultimo refugio dos malvados*, ou ao sapateiro ali da esquina que define a politica como *a arte de certos malandros inteligentes intrujarem os povos?*

Acima dos principios estão os homens, pois que foram os homens que criaram os principios.

(Dito na reunião, no teatro Nacional, dos nacionalistas dissidentes.)

JORGE BOTELHO MONIZ

Admiravel logica! E' pena o raciocinio não ser original. Já um ateu embatucou com esta um carola: «Deus é uma criação do homem. Logo o homem é superior a Deus».

Não empreste A Choldra.

Quem a quiser ler que a compre!

Ter-nos-ha assim prestado um bom serviço e á propaganda que fazemos.

um manifesto que o Gremio Acacia distribuía exortando o povo a, pondo de parte qualquer dissidência, qualquer mesquinha preocupação de facção, recorrer a todos os meios para salvar a Liberdade.

Por este protesto do deputado Pinheiro Torres, avalie-se as intenções com que o josuitismo pretende regressar a Portugal. E perante esta imminente opressão do pensamento e da opinião, que attitude resolvem tomar os espiritos liberais deste país?

Deixará a Maçonaria de se preocupar com a politica dos partidos para aceitar o desafio que lhe lança o ultramontanismo victorioso?

Despertarão do seu delicioso sono a Associação do Registo Civil e as outras associações liberais?

Manter-se á o proletariado adentro da muralha a que a si proprio se condenou, preocupando-se apenas com a tijela do caldo e confundindo colaboração de classes, com a conjunção de esforços para evitar uma reacção maior?

Decidir-se-á enfim, o intelectualismo a sair do seu *turris eburnea* e a dar ao grito do povo a força da razão?

Ou julgarão todos que não é ainda chegado o momento do unir fileiras para dar combate á reacção ultramontana—secular e visceral inimigo da sciencia, da independencia individual, do pensamento livre, do liberalismo, enfim?

José Francisco Xavier

Chefe da 4.^a Seoção da Policia de Investigaçao Criminal

A *Choldra* tambem quer dizer algumas palavras d'este justamente celebre agente da policia, cujo cadastro não conhecemos senão por informaçõs que não queremos uzar agora. Dizem-nos um dos mais habeis agentes policiaes. Daqui afirmamos que é o principal instigador do atentado ao sr. Ferreira do Amaral. Afirmamos que, durante muito tempo, com os legionarios conviveu e, com eles, comeu em alguns *restaurants* de Lisboa.

Este agente já regressou ao país. Aguardamos dele o desmentido á nossa afirmação.

Vergonhoso!

Quando da sessão em que o deputado sr. dr. José Domingues dos Santos interpelou o governo sobre varias arbitrariedades cometidas contra a lei, o sr. presidente do ministério, não sabemos se por estar perto a *mi-carême*, mascarou-se e surgiu no Parlamento *habillé* d'apache jogando facadinhas torpes contra os deputados que o atacaram.

Este jogo baixo, repellido com altivez e nobresa pelo sr. dr. Ramada Curto, deu aso a interessantissimas manifestações de *tesura* da parte do sr. Agatão Lança.

De tão triste sessão, foi esta, na verdade, a unica nota alegre...

Como humildes carregadores de elementos para a historia, aqui deixamos mais este, pois de sobra sabemos que para resar dos valentes ela se fez.

CAUTELA

O sr. Antonio Maria da Silva leu no Parlamento algumas frases escritas em papel amasso que tinham sido trocadas *em conversa particular e de amigos*, entre o sr. dr. Ramada Curto e o major Ferreira do Amaral.

Porque nos repugna aceitar a hipotese de que o comandante da policia tivesse descido á categoria reles de vulgar bufo, somos levados a concluir que alguem, confidente do sr. Ferreira do Amaral, dessa situação abusa, collocando-o numa situação moral que o deprime, vexa e prejudica.

Acautelem se, pois, os amigos do sr. comandante da policia.

Tudo o que lhe disserem sabe-o o sr. Antonio Maria.

Marinha e Colonias

Portugal, potencia colonial sem navios de guerra.—Uma oportunidade, que se não aproveita, para dotar o país com a força naval de que necessita

Dizia ha dias o «*Matin*» que não havia exemplo de um país conservar as suas colonias sem ter uma marinha que as defenda.

Portugal é a quarta potencia colonial e não tem marinha.

As colonias portuguezas mal governadas, cheias de riquezas potenciais formidaveis, têm sido ha muito objecto de mal disfarçadas cubiças.

Se lançarmos um olhar para a historia da nossa marinha de guerra, nos ultimos anos, vemos com desalento que a Republica pouco ou nada tem feito por ela.

Foi o rei D. Pedro V quem tomou a iniciativa da aquisição das corvetas que chegaram até aos nossos dias. Mais tarde foi Jacinto Candido, agora falecido, que conseguiu a compra dos pequenos cruzadores que a Republica criminosamente deixou inutilisar, acabando por vendê-los como sucata.

Hoje não ha nada, ou antes, o que existe é um ridiculo simulacro de marinha que de nada serve senão para dar pretexto para se gastar uma avultada verba no orçamento.

Se examinarmos os orçamentos da marinha inglesa nos ultimos anos, vemos que a despesa com o material é cerca de quatro vezes a do pessoal.

Entre nós a despesa com o pessoal é superior á do material. Esta anomalia que era o cavallo de batalha das criticas acerbas do ilustre marinheiro e grande patriota que foi Leote do Rego, mostra o caos da nossa administração.

Tempos houve em que os nossos navios serviam nas colonias, nos tempos das Divisões Navais, que tanto desagradavam aos *meninos bonitos* que usavam de todas as influencias para não servir nas colonias. Nesse tempo não havia exemplo de uma revolta ou mesmo de indisciplina a bordo.

Todos se recordam dos nomes de Costa Cabral, Azevedo Gomes, Azeredo e Vasconcelos, Carlos Candido dos Reis e tantos outro illustres e prestigiosos marinheiros.

Porque motivo não ha nas gerações novas, nomes como estes? Porque não ha marinha. Porque acabaram as Divisões Navais, onde os marinheiros se treinavam e se criava amor á profissão e dedicação á arma.

A Republica actual passou a ter medo da marinha.

Comtudo não ha ninguem mais dedicado, mais patriota do que o *Camisola de alcaxa* onde se encontra o coração generoso e a nobreza de caracter que a choldra tantas vezes tem mostrado.

O actual titular da pasta da marinha não pode queixar-se da falta de permanencia no seu ministerio, não lhe tem faltado o apoio dos seus colegas do gabinete das diferentes nuances politicas com quem toem servido e toem sido tantas as nuances que se afirma que até serviria com outras *cores*.

Não lhe tem faltado a benevolencia da imprensa conservadora que chegou a dizer que S. Ex.^a era *pessoa grata* em Whitehall, o que julgamos exagerado.

Comtudo este ministro nada tem feito para remediar os males de que enferma a armada. Tem aumentado a despesa com bases navais destinadas a afastar de Lisboa a choldra republicana.

E contudo ser lhe-ia facil prestar á Marinha e ao País excelente serviço.

A Inglaterra, a nossa aliada secular, em virtude dos ultimos tratados não pode aumentar o numero de certa classe de navios por já ter atingido o limite. Convem lhe por isso ceder a um país aliado, algumas unidades ainda em bom estado, para construir em seu logar outros navios mais modernos.

Porque não aproveita S. Ex.^a a oportunidade?

Logo que a divida de guerra esteja consolidada, não seria difficil a cedencia de alguns navios a baixo preço (como foram os do Carvalho Araujo e Republica) mediante pagamento a longo praso.

Um trimestre da renda dos tabacos chegaria para pagar os navios.

Mas a politica, o medo dos navios e as revoluções?

E' facil de resolver a questão. Os navios riam para as colonias, onde teriam que fazer, onde a sua presença é sempre util. Angola e

Moçambique estão longe. Vila Franca está a dois passos.

Todos os países coloniais têm navios de guerra nas suas colonias. A França tem-os em Madagascar, nas Antilhas, no Senegal, na Indochina. Nas colonias inglesas vê-se sempre a bandeira de guerra tremulando n'um navio, numa divisão e até n'uma esquadra.

Nas colonias portuguesas, a não ser por acaso e de fugida, se veem os nossos navios e esses tão pequenos, tão pouco eficientes, que seria melhor não terem lá ido.

Todos se recordam da ridícula exibição da nossa miséria naval em portos estrangeiros feita pelos navios do Periplo.

* * *

A Marinha de Guerra é indispensável nas colonias porque não só representa uma afirmação de soberania, sobretudo nas colonias desnacionalizadas, como também presta serviços em caso de emergência. Citaremos ao acaso a campanha da Guiné em 1894 feita pela Marinha. Foram as guarnições da «Rainha de Portugal» e depois da «Afonso de Albuquerque» que guarneceram os

Block-hauser improvisados em Lourenço Marques contra os ataques dos vatuas do Gongu-nhana.

Nos outros países coloniais muito devem as colonias ás suas Marinhas. Em 1900 durante a guerra do Transvaal foram os marinheiros do cruzador «Terrible» que desembarcaram com as suas peças, com reparos improvisados em Durban que salvaram Ladyemith onde 12.000 soldados ingleses estavam cercados pelos Boer.

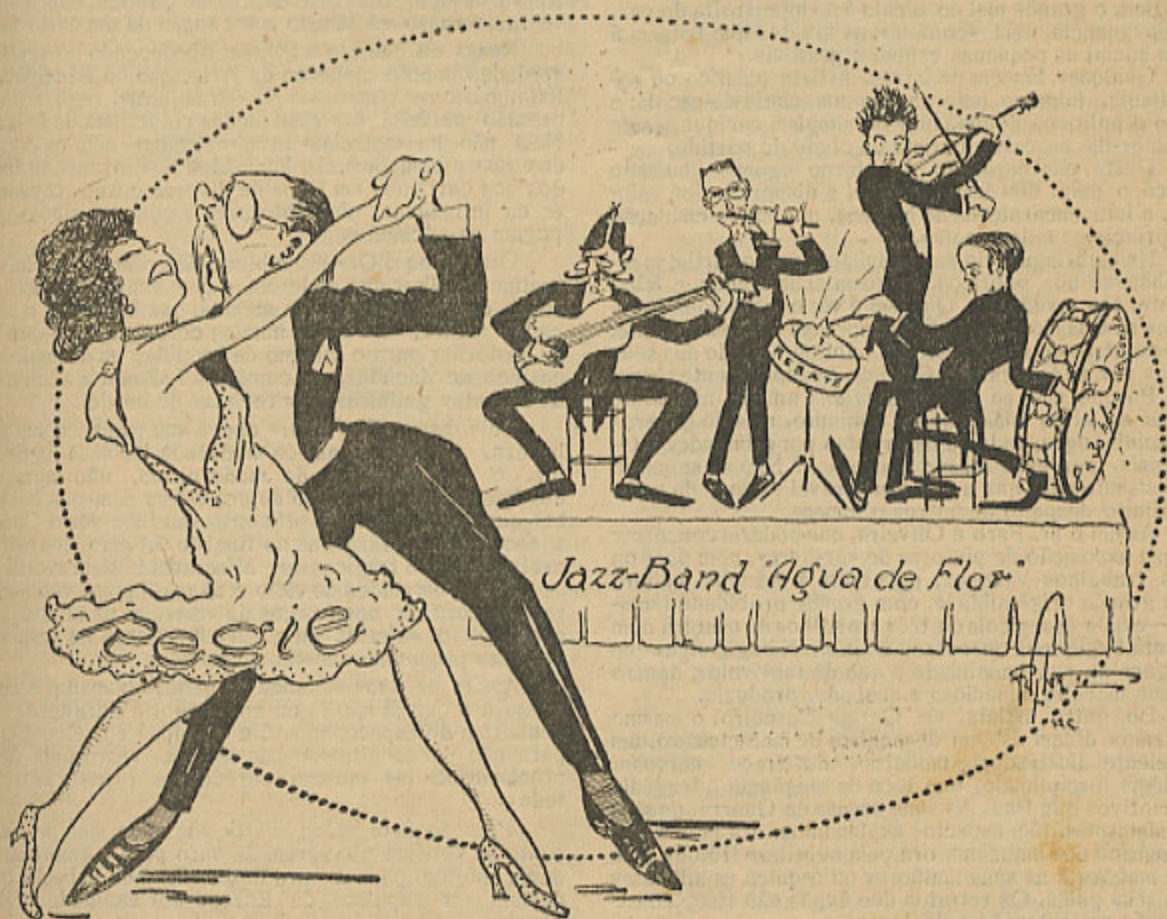
No mesmo ano (1900) foram os navios europeus nos mares da China que desembarcaram, constituindo numa brigada internacional sob o comando do almirante inglês Seymour que socorreram as legações atacadas pelos Boxers, os nacionalistas chineses.

Foram agora os maquinistas do nosso transporte «Gil Eanes» que forneceram pessoal para o caminho de ferro de Lourenço Marques durante a actual greve.

Esta greve não se teria dado se ali houvesse uma Divisão Naval.

A lista seria interminável, e ficaremos por aqui.

E' pois indispensável que alguma coisa se faça. O tempo urge, as colonias estão em perigo e não se pode ter mais hesitações.



DA VIDA MENTAL

As exposições individuais, simples feiras de vaidades, sem grande interesse para a Arte

São duas as exposições individuais desta semana. Uma no barracão, que pomposamente se decora do Palácio das Belas-Artes, outra naquilo a que criticos galantes amavelmente chamam uma *botte* e que é simplesmente o antigo *atelier* fotografico Bobone, que ao que parece errou a vocação.

Expõe na primeira o Sr. Faro e Oliveira paisagista e marinista pouco conhecido e na segunda o Sr. Carlos Carneiro, desenhista e retratista, conhecido principalmente pelo nome de seu pai, o grande pintor Antonio Carneiro.

Para tranquillizar o leitor diremos já que o primeiro expositor não é precisamente um pintor de taboetas nem o segundo um menino que faz bonecos. Teem ambos talento e ambos parecem trabalhar com persistencia e devoção. O seu trabalho é portanto respeitavel.

O maior defeito de ambos os expositores, como o de outros a que já nos temos referido, é realisarem as suas exposições individualmente.

Em tudo, nas idéias e nas realisações, na arte e na politica, o grande mal do século é a «hipertrofia do eu», a repugnancia pela «colónia», as arestas que trazem á vida social as pequenas vaidades pessoais.

Qualquer homem de letras, artista plástico ou comediante, julga-se pelo menos um chefe-de-escola; e todo o politico, doutrinador ou simples cacique, sente crescer-lhe na calva a crista de chefe de partido.

Desta exarcebção do eterno egoismo humano nasce o peor dos desequilibrios, a dispersão dos valores, a luta encarniçada de homens, que não a emulação de princípios e de escolas.

Na embriaguês do seu individualismo, os artistas semelham-se aos politicos, de quem andam aliás, e felizmente, tão arredados. Querem é ver os seus nomes gritados sós, nas louvaminhas da imprensa condescendente, não se atrevem a aparecer em público ao lado dos seus pares por médio e inveja. Ora isto é simplesmente tórpe.

Porque não se realizam *salons* anuais, não só de todas as artes plásticas em conjunto, mas de géneros especiais, agrupando-se os artistas por afinidades intellectuais, por escolas, por processos? Não se sabe, ou antes sente-se— que a incomensuravel vaidade de uns e o infinito despeito de outros o impede.

Assim o sr. Faro e Oliveira, que poderia concorrer a uma exposição de pintores de «ar-livre», com dois ou três trabalhos valiosos, pois trata a marinha, embora sem grande originalidade, com grande probidade tecnica,—expõe êses dois ou três trabalhos de mistura com quanta bugiganga encontrou no *atelier*, bugigangas que afogam na sua banalidade o que de real valor, dentro da sua maneira minuciosa e acabada, produziu.

Do outro artista, sr. Carlos Carneiro, o mesmo podemos dizer. E' um desenhista de merecimento, um excelente illustrador, moderno, de traço nervoso, de lápis disciplinado, que toca de elegância e tragédia os motivos que fixa. As suas scenas da Guerra, os seus mundanismos, têm aspectos esplendidos, ora pelo vigor dramático das manchas, ora pela subtilidade irónica com que mal-veste as suas mulheres ou esquiça as silhuetas dos seus galãs. Os retratos que expõe são ricos de expressão e penetração psicologica.

Essas diversas modalidades da sua arte, podiam encontrar-se em meia dúzia de trabalhos, que figurando numa exposição, ao lado de outros desenhistas, diriam do mérito do expositor em paralelo, em confronto, com os demais.

Para quê, portanto, encher paredes imensas com uma produção vastíssima, em que o banal abunda, e os motivos se repetem, com prejuizo do pouco de bom que a quantidade de mau esmaga?

Há quem explique este critério das exposições individuais, que nós atribuímos à incomensuravel vaidade dos expositores, pela necessidade comercial de vender. Não acreditamos, pois não há aí retrozeiro nenhum por mais força-tiva que seja, que exponha todas as suas fitas na vitrine.

A troupe do «Coq d'Or» ou as perolas que se deitam aos porcos

Chegou aí uma *troupe* chamada do «Coq d'Or» que é pelo contrario a antitese do irritante individualismo a que arabamos de nos referir.

E' estrangeira a *troupe* de mimos e bailarinos, que as gazetas dizem ser russos, porque depois que a Russia desapareceu como expressão politica, nunca houve tanto russo no Mundo e ser russo dá um certo tom.

Russa ou chinesa a *troupe*, obedecendo ao sentido verdadeiramente moderno da Arte, que só é individualista, para os pimpolhos da «Brasileira», realiza a expressão perfeita das realizações colectivas de beleza. Nela não ha «estrelas» nem «estrelas», nem os nomes dos que a compõem são buzinaados nos jornais ou fixados nos cartazes, em tipos de diverso corpo, consoante as intimidades dos interpretes com os «tipos» que pagam os réclamos.

Ora «Coq d'Or» é um bloco de artistas, que interpretam o melhor que podem, e com muita elegancia ás vezes, essa admiravel arte scenica, que ha de ser a unica do futuro, com a sua mimica coreografia, e que ha de destornar para o inferno da insipidez os dramalhões cosidos de facadas, as comédias fedendo a adulerio, as operetas galteiras e as revistas de bordel.

Pois bem, «Coq d'Or» com a sua graça, a sua subtilidade, os seus scenarios modernos, os seus jogos de luz, o seu prestigio de modernismo, não agradou aos bacalhóiros que vão ás *premières* nem aos borlistas que vão depois. Os primeiros queriam ver o Conde a escorchar a Marqueza no final do 5.º acto, aos gritos profundamente tragicos de—Miseravel! Miseravel!!!

O outros, roídos de vicio e de má lingua, vão puderam descortinar nos braços da «estrela» as nodos negras que o «*aimant du coeur*» lhe fizera na vespera, por uma pequenina questão de escudos.

Assim as duas metades do género humano, a burguesa e a que já não é, ou ainda não, é burguesa, desdenham do espectáculo. E a «troupe» do «Coq d'Or» para não dar as ultimas suas escassas representações, precisamente ás moscas parece que teve de bater o fado...

Pois se este «Coq d'Or» põe ovos, que pelo exposto se verifica não serem de ouro para o empregario devia pô-los para a cara desta rédua de imbecis, que deviam ser expulsos da Europa por sanidade intellectual.

O NOSSO INQUERITO

Perante a soma tremenda de vergonhas cometidas pelo governo contra a Republica; perante o perigo de uma ditadura militar; perante o triunfo da reacção; perante a possibilidade da anistia a Paiva Couceiro, qual o caminho que se deve seguir?

Os leitores de A CHOLDRA
continuam a enviar-nos os suas respostas

Sou pela preparação da Revolução para implantar a Republica do Progresso.

Sou republicano do norte, de uma terra evadida por Paiva Couceiro. Ainda ha três anos se lia nas lajes das escadarias da Camara do meu concelho, o seguinte, «que talvez hoje ainda lá esteja»: *Protestai contra o roubo de 22 contos*. E são esses mesmos individuos que agora vão dar amnistia a esses bandidos!

Ha uma pessoa, que hoje é chefe de policia, que no tempo de Sidonio Pais era policia e que chegou a ser expulso por ser republicano. Nêsse tempo protestava muito e chegou a apanhar sóvas de cavalo marinho por ler «O Mundo» e por protestar contra a sua apreensão quasi diária. Hoje já não se lembra disso e manda os seus subordinados apreender *A Batalha* e outros jornais que defendem a Liberdade. É preciso notar que actualmente é esquerdista e é por isso que me quedo indeciso, uma vez que ainda no principio estão procedendo em contradicção com os principios que dizem defender. E neste caso está o sr. dr. Pestana Junior, no seu procedimento com os presos do forte de Monsanto.

Saude e Republica das Esquerdas. — *Um republicano que combateu, em Salreu, o Paiva Couceiro.*

*
Limpesa, limpesa... limpessa Radical!... — *CARIA — Diogo Mendes.*

*
Um pai tem uma filha; essa filha é assaltada, roubada e desonrada; o dever dêsse pai é correr com os assaltantes, por todas as formas ao seu alcance. Assim têm que proceder todos os verdadeiros republicanos que vêem a nossa querida Republica dominada por aqueles, que a assaltaram, roubaram e desonraram. — *LISBOA — Joaquim Ricardo.*

*
Todos os bons republicanos, o povo em geral, deve unir fileiras em torno da bandeira da Republica, pura e dignificada, pela qual o mesmo povo verteu o seu generoso sangue em 5 de Outubro. Nenhum cidadão digno deste nome deve abdicar dos seus direitos e regalias, em proveito de castas politico-reaccionarias ou financeiras, que só têm em vista os seus interesses pessoais e o estrangulamento da Liberdade. E assim, tenhamos todos o desassombro e dignidade moral de publicamente declarar as nossas ideias politicas fazendo lealmente delas a maior expansão possivel á sombra da Constituição e mais leis em vigor. Baseando-nos nessas mesmas leis, saberemos impor a todos os maus politicos um procedimento nobre e patriótico. Se esses politicos teimarem em não querer ouvir o povo, que o povo pela sua força consciente, com as armas na mão se preciso for, lhes indique o caminho a seguir, como já o tem feito aos traidores que, infelizmente, «entre os portugueses houve algumas vezes». Não esquecendo a

dissolução do actual parlamento — «verdadeira feira da ladra» — para prestigio da Republica. *S. MARCOS DO CAMPO José Lopes Balancho.*

*
Os traidores devem ser castigados e não premiados, sobretudo quando se trata de criaturas conscientes como estas! — *PORTO Um leitor não assinante: A. J. P.*

*
Para se ter uma boa colheita da seára que semeámos, torna-se necessario colher toda a erva daninha para que o trigo se fortifique e nos pague o resultado dos nossos trabalhos. *Ernesto Campos.*

*
Um 19 d'Outubro com grandes ampliações. — *GUARDA, Francisco Monteiro.*

*
Sou de parecer que é melhor metê-los na draga e levá-los para o mar largo, mas muito longe, e lá descarregar. Ha peixes que andam tão magrinhos... — *PORTO, Rodrigues da Silva Alvaro Peixoto.*

*
Implantar a Republica quanto antes, senão, adeus republicanos! — *Um sargento da Armada, republicano, vivendo na miséria, com quatro filhos.*

*
O nosso país precisa de viver debaixo do Sol da Liberdade, da instrução, da moralidade e do trabalho. E para isso, hoje mais do que nunca, a limpessa do jesuitismo precisa de ser feita. Viva a Esquerda Democratica! Abaixo os traidores á Patria! — *CALDAS DA RAINHA, Mario Guilherme de Faria.*

E segue...

O senhor Antonio Maria da Silva, sempre êste senhor, não contente com a reintegração de um director-geral contrabandista e monarchico, no ministerio das Colonias, vai agora exercer a sua alta influencia para a reintegração de um outro monarchico, pessoa de pouco moral e nenhuma fé republicana.

Esperamos que tal facto se dê, na certeza de que, a serem verdadeiras as nossas informações, não descuremos o assunto e poremos os pontos nos is...

No Mundo Desportivo

O jogo militar Madrid-Lisboa Os desafios do Campeonato

Para que os pseudos jogadores militares, queirão a Madrid defrontar a equipe militar madrilenha, se possam deslocar de Lisboa, já começou a mobilização desses jogadores, a qual se faz á sombra de um decreto publicadoem 24 de Maio de 1915, se não estamos em erro o, e que se refere a tudo, menos á mobilização para jogar á bola...

O critério adoptado para seleccionar o tal grupo militar é que tem causado risota, no meio desportivo.

O sr. capitão Viegas, aliás uma distinta e honesta pessoa, pouco percebe de foot-ball e por tanto suggestiona-se por varios conselhos.

Assim, pensa-se em experimentar Filipe dos Santos em avançado centro, lugar em que nunca jogou e para o qual demonstra não possuir condições algumas.

A extremo direito, José Maria Gralha, que está adentado e que não pode dispendir um grande esforço fisico.

E não são seleccionados os jogadores Domingos Gonçalves, Manuel Nunes e Jorge Tavares que estão actualmente prestando serviço como recrutas e que «mechem» na bola como poucos.

Para seleccionar não serve qualquer—é indispensavel conhecer bem as qualidades dos jogadores e as suas posses.

Assim, apesar do grupo que se está organizando, não representar de verdade, a guarnição militar de Lisboa, pois que os seus jogadores já foram licenciados ha muito e da tropa gostam tanto como o macaco da agua... podia-se ao menos seleccionar com mais um pouco de critério e de visão.

Não temos o intuito de torpedear o grupo militar, nem para tal temos poder...

Se o grupo de foot-bal fracassar na capital espanhola, não é o prestigio do exercito que fica em cheque.

E' o valor do foot-ball lisbonense.

E para se evitar que se dê esse facto, é que fazemos estas considerações, que temos a certeza chegarão aos ouvidos do capitão Viegas, que, segundo nos consta, tem certas simpatias cá pela rapaziada...

Ainda é tempo de arrepiar caminho e organizar um bom grupo de foot-ball, que apesar de não ser militar de «verdade», saberá honrar o país.

Pense o seleccionador no grupo constituido por nós e diga lá se não é melhor que o seu...

Roquete, Ferreira, Jorge, Almeida, Augusto Silva, Cesar, Pereira da Silva, João dos Santos ou Manuel Nunes, Jorge Tavares, J. Francisco e Domingos Gonçalves.

Nós não criticamos pelo simples prazer de dizer mal.

Apontamos as deficiencias e lembramos o remedio.

E não temos pretensões, nem de ir a Madrid mobilizado como impedido...

Os jogos efectuados no passado domingo para disputa do campeonato de Lisboa deu-nos uma grande surpresa: A derrota do grupo setubalense pelo team casapiano.

Todos os «profetas» e Rabestanas que para aí pululam, não eram capazes de prognosticar o esplendido resultado conseguido pelos rapazes do Casa Pia.

Podia lá ser! Era um grupo que não valla nada...

E os setubalenses iam confiados num triunfo facil.

Mas, como diz o ditado... de onde se não espera é que elas salem.

O Casa Pia cortou as azas ao Vitoria que de há, tempos para cá andava um pouco inchado...

Roquete demonstrou neste jogo quanto vale... apesar de não ser tão completo como o Chiquinho... (dizem eles).

A Domingos Gonçalves coube a honra de marcar o goal que deu a vitória ao Casa Pia.

E a raiva dos setubalenses foi tanta, o desgosto de tal forma, que castigou tres dos seus jogadores, Viegas, Martins e Matjas, talvez por não terem evitado a derrota...

E a cára do Veloso?

Ele, que já se sentia representante do «grupo campeão», deve esmorecer um pouco...

Nós que o conhecemos bem... só lhe dizemos: Não se assuste que o não confundiamos com o Veloso, do Porto.

De uma o outro vai uma tão grande distancia, como aquela que separa o grupo que representa da terra em que o pretende levar... Estamos bem informados ou não?...

O Benfica conseguiu um «tour de force»... empantando com o Sporting, num resultado de 2 goals a 2.

Neste jogo, o arbitro, um tal Vitor Coral, que tem um nariz á cabo de ordens, foi o culpado do resultado.

A vitória deveria pertencer ao grupo das Amoreiras pois que um dos «goals», do grupo leonino, marcado por João Francisco, resultou de uma falta que o arbitro não viu ou não quis vêr.

Cipriano ficou maguado neste jogo e por esse facto não pode evidenciar-se.

No Estadio, os Belenenses venceram o Imperio por 3 goals a 0, um jogo bastante aborrecido e falho de interesse.

O Carcavelinhos venceu o União por 5 goals a 2. Dos jogos do campeonato não ha mais nada a dizer.

«Anibal Torres»

N. B. O «C. S.» deixou de ser redactor «desportivo» do *Diario de Lisboa*.

Porque seria?

Ao seu pouco «espírito desportivo» não pode ser. Que o diga o «maitre» do hotel do Porto, que se viu obrigado a mandar pedir as chaves do quarto, já que não havia palécas...

Seria pela prova automobilista que ele pensou em organizar e que ficou em aguas de bacalhau... apesar do dinheiro que roubou...? Talvez.

Sobre a sua «carcassa» um pêso de mil quilos...

Já que «morreu», que descanse em paz e não faça mais parti...